



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PRISCILLA LARRUBIA GOMES SOBRAL

Título: Conhecendo os motivos que fizeram os alunos
da EJA retornarem aos estudos

Orientador: Renato José de Oliveira

Rio de Janeiro

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Conhecendo os motivos que fizeram os alunos da EJA retornarem aos estudos

PRISCILLA LARRUBIA GOMES SOBRAL

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Renato José de Oliveira

Rio de Janeiro

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Conhecendo os motivos que fizeram os alunos da EJA retornarem aos estudos

PRISCILLA LARRUBIA GOMES SOBRAL

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a):

Professor (a) Convidado (a):

Professor (a) Convidado (a):

Rio de Janeiro, ____ de ____ de 2016

Á minha avó Tania Larrubia, exemplo de pessoa, avó, mãe, amiga e diretora pedagógica. Meu estágio com ela durou 15 anos, porém a conclusão será supervisionada do céu. Todo meu amor, carinho, respeito e admiração à aquela que me ensinou a amar o próximo e acreditar na educação, como uma verdadeira pedagoga.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado força e determinação no período da faculdade.
- Aos meus pais Daniela e Ronaldo, pelo amparo, confiança, carinho, amor e torcida por mim. É imensurável o amor e a gratidão que sinto por esses dois jovens que não deixaram que uma filha na adolescência atrapalhasse suas vidas. Eu já aplaudi os dois em suas formaturas e agora, eles estarão na plateia assistindo a conclusão de um dos meus sonhos.
- Ao meu avô Edson Macedo e meu tio, Adriano Larrubia pelo companheirismo de sempre. Meus dois tricolores que possuem um coração que caberia a torcida do mundo todo.
- Meus amados irmãos Bianca, Ruan, Duda e Matheus por serem motivos da minha garra para servir de exemplo para eles.
- Ao meu padrasto Kaka e minha madrastra Glorinha, que sempre me apoiaram e torceram por mim. Sendo grandes companheiros para mim e para os meus pais.
- Meus avós Malu e Sobral, minha madrinha Marilene e minhas tias Camila, Rita e Rosa, que sempre torceram por mim e vibraram com cada progresso.
- Ao meu grande amigo Hudson Batista, companheiro de muitos desafios que enfrentei no caminho da faculdade e um exemplo de pedagogo que me auxiliou nos trabalhos e foi além de meu braço direito, um grande incentivador.
- Ao meu orientador, pela paciência, ajuda e por ter aceitado o desafio de me orientar com um projeto de monografia já elaborado, sempre atencioso e generoso comigo.
- Minha grande amiga Laís, pela amizade, parceria e torcida.
- Ao CIEP Anita Malfatti, pela hospitalidade e pela atenção que tiveram comigo no período de estágio.
- Aos jovens e adultos do colégio, exemplos de garra, coragem e determinação, me conquistaram e agora, quem os recebe com muito respeito e carinho sou eu. Os recebendo aqui, na minha monografia e para sempre, na minha vida.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”
(Paulo Freire)

Sumário:

1. Introdução	8
2. Fundamentação Teórica	10
2.1 A História da Educação de Jovens e Adultos (EJA)	10
2.2 Os personagens dessa história	15
3. Metodologia	17
3.1 Natureza da Pesquisa e Coleta dos Dados	17
4. Aplicação dos Questionários	18
4.1 Os seis entrevistados	19
Entrevista número 1.....	19
Entrevista número 2	20
Entrevista número 3	21
Entrevista número 4	22
Entrevista número 5	23
Entrevista número 6	24
4.2 Análise das entrevistas	25
5. Considerações Finais	28
6. Referências Bibliográficas	32

Introdução:

O presente trabalho surgiu de uma experiência de estágio obrigatório da disciplina "Prática de Ensino em Educação de Jovens e Adultos" no começo do ano de 2014. A vivência com a educação de jovens e adultos (EJA), despertou em mim a curiosidade de pesquisar sobre a área.

Realizei a disciplina de prática de estágio obrigatório e antes de começar minha prática, não conhecia muito a respeito desse segmento de Ensino. Só tinha uma visão de que era composto por jovens e adultos que pararam de estudar por motivos pessoais e resolveram retornar à escola.

Confesso, que eu possuía um certo preconceito em relação a esse retorno por parte deles, pois, achava que eles voltavam só para possuir um diploma e que não davam valor aos estudos. Ao começar o estágio, me surpreendi com o respeito e carinho no qual fui recebida. Eles ficaram admirados de ver uma menina nova, como eu, quase concluindo o Ensino Superior.

Percebi que muitos, me comparavam com suas netas e ressaltavam que queriam vê-las estudando para ter um bom lugar no mercado de trabalho. Comecei a ter curiosidade em saber o motivo que os levaram a retornar ao ambiente escolar.

No decorrer do estágio, fui conversando com alguns deles e conhecendo suas histórias, seus medos, seus sonhos, suas conquistas e me vi cada vez mais envolvida com aquela turma.

Esse estágio me fez repensar e identificar a esperança que havia nos olhares daqueles jovens e adultos que ali estavam. Cada um com suas manias, cada um com suas trajetórias, cada um com seus princípios, cada um com seus medos, mas todos com um só sonho: Concluir os estudos. Os obstáculos do cotidiano não os desanimavam, o cansaço do trabalho, o ônibus lotado, a novela das 21h, o conforto de estar em casa no sofá, nada disso os desanimava.

A EJA em nossa sociedade ainda é um campo não consolidado de pesquisas, investigações, políticas públicas, diretrizes educacionais, formação de educadores e intervenções pedagógicas, porém, pesquisas já realizadas, constataram que a maioria dos alunos que abandonam os estudos por motivos pessoais, quando retornam as salas de aulas, possuem uma defasagem de idade/série. É neste contexto que está inserida a Educação de Jovens e Adultos, para atender a essa clientela tão diversa e de interesses distintos.

É importante ressaltar que a Educação de Jovens e Adultos também atende aqueles que nunca tiveram a oportunidade de estudar. Porém, os personagens em questão, já estão concluindo o Ensino Fundamental, com isso já tiveram sua experiência na EJA e vão nos contar seus motivos de retorno ao ambiente escolar e suas perspectivas dentro e fora da escola.

Arroyo (2005) ressalta que um dos elementos fundamentais para entender as especificidades da EJA é a compreensão sobre os sujeitos que dela participam. Por isso, a investigação proposta neste estudo tem como foco principal, pesquisar os motivos que levaram esses alunos à retornarem para a escola depois de tantos anos afastados da mesma.

O alunado em questão é da turma do 4º ano (Antiga 3ª série) do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Cultura e Lazer” localizada no bairro de Campo Grande, Zona Oeste do estado do Rio de Janeiro.

Essa pesquisa caracteriza-se como uma investigação qualitativa. "A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes."(MINAYO, 2010, Pág 21).

Ainda, segundo a mesma autora, o propósito do trabalho de campo é permitir a aproximação do pesquisador da realidade que investiga, processo por meio do qual também se dá a interação entre os sujeitos que constroem essa realidade.

1. Objetivo Geral

Analisar, na escola investigada, os fatores que levaram os alunos, que interromperam suas atividades letivas, a retornarem aos estudos.

2. Fundamentação Teórica

2.1 - A História da Educação de Jovens e Adultos (EJA):

Desde o período colonial em 1549, a educação começou a ter início no Brasil, onde na antiga Grécia começa a ser o berço da pedagogia, pois a palavra "paidagogos" significa aquele que guia a criança, no caso, o escravo que vem acompanhar a criança à escola. Neste período, os jesuítas acreditavam que não seria possível converter os índios sem que eles soubessem ler e escrever.

Eles então, dedicados à pregação da fé e o trabalho educativo de catequizar (alfabetizar), perceberam a importância da catequização na vida dos adultos para que eles servissem não só para igreja, mas também para o trabalho.

A Educação de Jovens e Adultos não é recente no país, pois, desde o Brasil colônia, fazia-se referência a população adulta, como aqueles que precisavam ser catequizados para salvar as almas.

No ano de 1824, a constituição Imperial reservava a todos os cidadãos a instrução primária gratuita. Porém, era restrita às pessoas livres, saídas das elites que poderiam ocupar funções ligadas a política e o trabalho imperial.

Segundo Freire (2005), as ideias em torno da educação de adultos no Brasil eram acompanhadas de uma história de educação como um todo, onde a educação passou por momentos de grandes reflexões, no qual vemos que cada período um sonho em fazer do ensino, um direito de todos, para que o indivíduo possa gozar dos seus direitos.

Somente a partir da década de 1930, a educação básica de adultos começou a estabelecer seu lugar através da história da educação no Brasil. Neste período, o sistema de ensino de educação começa a ganhar força e começaram a abrir escolas noturnas para possibilitar o acesso dos alunos, porém, o interesse do governo era alfabetizar só para a leitura e a escrita, pois, eles temiam que o desenvolvimento crítico desses alunos fosse prejudicial ao governo.

Segundo Cunha (1999), na década de 1940 a ideia que se tinha era de que o analfabetismo gerava pobreza e marginalização. O adulto analfabeto era incapaz política e juridicamente; não podia votar ou ser votado. O fim do Estado Novo trouxe ao país um processo de redemocratização e a necessidade de aumento da quantidade de eleitores.

Nesse período houve iniciativas políticas, tais como: Lançamento da CEEA (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos) e a Regulamentação do Fundo Nacional do Ensino do INEP, na qual houve uma grande preocupação com a elaboração de materiais didáticos para adultos.

O projeto do CEEA foi voltado para a população rural e tinha por objetivo a alfabetização do educando em 3 meses, fazendo com que a conclusão escolar se desse em menor tempo do que o ensino regular.

Em 1945, com o fim da ditadura, o país passou por momentos de muitas críticas quanto aos adultos analfabetos, fazendo muitas pessoas não acreditarem na busca de um ensino de qualidade. Começaram então, a lutar por uma educação para todos, fazendo com que a educação de adultos ganhasse destaque.

Porém, em 1963, o projeto do CEEA foi extinto pelo governo que afirmava que o adulto não precisava aprender a ler e escrever, se já estava trabalhando. Mostrando assim, um desprezo pela classe trabalhadora e a ideia preconceituosa em relação à alfabetização dos adultos.

Nos anos 1950, foi realizada a campanha nacional de erradicação do analfabetismo (CNEA), que marcou uma nova etapa nas discussões sobre a educação de adultos. Seus organizadores compreendiam que a simples ação alfabetizadora era insuficiente, devendo dar prioridade a educação de crianças e jovens, aos quais a educação ainda significa alteração em suas condições de vida. (SOUZA, 2007).

No fim dos anos 1950, Paulo Freire propunha uma nova pedagogia, que colocava o educando como um participante ativo no processo educacional, levando em conta a realidade e a vivência do mesmo.

Freire ficou encarregado de desenvolver o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, mas foi exilado em 1964 com o golpe militar e surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) , um programa assistencialista que tinha como objetivo a alfabetização funcional de pessoas de 15 a 30 anos.

O método Paulo Freire chamava a atenção dos educadores e políticos da época, pois seu método acelerava o processo de alfabetização de adultos e tinha como ponto fundamental as palavras geradoras, sendo assim podemos dizer que seu método consiste:

O primeiro momento é a investigação temática, pela qual professor e aluno buscam, no universo vocabular do educando e da sociedade onde vive as palavras e temas centrais de sua biografia. Esta é a etapa da descoberta do universo vocabular, em que são levantadas as palavras e temas geradores relacionados com a vida cotidiana dos alunos e do grupo social a que eles pertencem. Essas palavras geradoras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente em função do significado social, trazendo a cultura do aluno para dentro da sala de aula.

O segundo momento a tematização, pela qual professor e aluno codificam e descodificam esses temas, buscando seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido e é nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas dando para a leitura e a escrita. O terceiro, a problematização na qual eles buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido, nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizando, descobrindo limites e possibilidades existenciais captadas na primeira etapa. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação, a educação para a libertação deve desembocar na práxis transformadora. (FREIRE, 1979, p.72).

Freire criticou a chamada educação bancária que considerava o analfabeto ignorante, como um vazio onde o professor deveria depositar o conhecimento. Ele defendia uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que fosse transformada por meio do diálogo. Questionava o uso das cartilhas, chamando a atenção para a importância de se ensinar os alunos coisas que sejam desconhecidos por eles, mas priorizando o

conhecimento de mundo trazido pelos mesmos, para que possa relacionar o que ele conhece com a aprendizagem na sala de aula.

A partir da década de 1980, os educadores buscaram novas propostas de ensino, com intuito de ajudar no crescimento do aluno para um ensino mais qualificado. Em 1990, o governo não deu apoio à Educação de Adultos, chegando a contribuir para o fechamento da Fundação Educar, mas em compensação, alguns Estados e Municípios assumiram a responsabilidade de oferecer educação para os alunos da EJA .

Então, a educação de jovens e adultos teve seus momentos de grandes fracassos e críticas quanto à busca de um ensino de qualidade, onde os alunos possam ter direito a uma vida mais digna.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) garante igualdade de acesso e permanência na escola e ensino de qualidade e Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso a ele na idade própria. O antigo ensino supletivo passou a se chamar Educação de Jovens e Adultos – EJA – e ganhou o sentido de formar o adulto trabalhador e alfabetizado. Inserindo ou reinserindo o mesmo no mercado.

Somente em 2000, o Conselho Nacional de Educação estabeleceu, no Parecer nº 11, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, as funções e as bases legais da EJA fundamentadas na LDB, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Em janeiro de 2003, O MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal, que para cumprir essa meta, lançou o programa Brasil Alfabetizado.

O Brasil já deu um grande passo nas questões que se referem a alfabetização de jovens e adultos, embora continuamos dentro da escola dos países com maior taxa de analfabetos. Percebe-se que o adulto que procura a escola, não quer apenas aprender a ler e a escrever, ele quer e necessita utilizar com o contexto social em que ele vive e faz parte.

Em consequência do desemprego, a busca pelo ensino profissional e técnico aumentou significativamente. O jovem quer trabalhar, mas falta qualificação e oportunidades, principalmente a de concluir a educação básica e ter parcial domínio das novas tecnologias.

Porém, quando estes jovens resolvem retornar os estudos, uma série de fatores os impedem: a jornada de trabalho, os transtornos com o transporte público, a dificuldade de conciliar os horários, os filhos em casa, a falta de apoio da família, o cansaço, a preocupação com a avaliação, entre outros.

A avaliação é um fator de responsabilidade da escola, por isso, destaco a importância de repensar práticas pedagógicas e as abordagens didáticas feitas em sala de aula para estes alunos. A avaliação formativa, por exemplo, é uma proposta avaliativa, que inclui a avaliação no processo ensino-aprendizagem, ela se materializa nos contextos vividos pelos professores e alunos e possui como função, a regulação das aprendizagens.

Entretanto, é necessário que estimule a participação destes alunos sob a ótica das aprendizagens significativas, que aproximem a realidade e não, os infantilizem. O planejamento deve ser pensando com base no cotidiano deles, com uma aula dinâmica, que desperte o interesse e que os vocabulários e as imagens tenham relação com os conteúdos abordados sem infantilizar o aluno em questão.

Estas ações são fundamentais na EJA, pois, possibilitam a inclusão de tarefas contextualizadas, que levem os alunos a estabelecerem relações para solucioná-las, conduzindo-os ao desenvolvimento de suas competências e assimilações.

A avaliação formativa possibilita também, o acompanhamento das aprendizagens dos alunos feito pelo professor, ajudando-os no seu percurso escolar. É uma modalidade de avaliação fundamentada no diálogo, que possui como objetivo, a inclusão e o reajuste constante do processo de ensino.

E inclusão é essencial quando se trata de qualquer modalidade de ensino e qualquer tipo de alunado em questão. O aluno precisa se sentir incluído e querido no ambiente escolar

e em relação à EJA, muitos reclamam que não se sentem pertencentes daquele ambiente, talvez pelo fato das mesas e cadeiras serem do tamanho dos alunos do Ensino Fundamental e pelas folhas de trabalhos, o mural e a abordagem didática, também serem as mesmas.

2.2 - Os personagens dessa história

A primeira questão importante para a compreensão da EJA, é: quem são os sujeitos da educação de jovens e adultos? Afinal, a EJA em nossa sociedade ainda é um campo não consolidado de pesquisas, investigações, políticas públicas, diretrizes educacionais, formação de educadores e intervenções pedagógicas.

Há uma necessidade de o Estado assumir a responsabilidade para com a construção de políticas públicas, com a formação de educadores, produção teórica e intervenções pedagógicas, assim como a busca da configuração da especificidade da EJA, que é compreensão sobre os sujeitos que dela participam.

É preciso considerar não apenas suas trajetórias escolares incompletas, mas que construam uma sensibilidade para essas trajetórias de vida. Captar estas trajetórias na sua totalidade e perceber como elas são construtoras de percursos de socialização marcados por histórias perversas de exclusão social, pobreza, trabalho precoce, falta de apoio da família, entre outros fatores que iremos conhecer no decorrer de nossas entrevistas.

Estes jovens e adultos (homens e mulheres) trazem consigo um acúmulo de formação, de aprendizagens e de saberes. Analisando a educação de jovens e adultos trabalhadores em nossa sociedade, Rummert (2007) considera esse público como possuidor de "marcas de longa duração", que foram sedimentadas ao longo de séculos de dominação no Brasil: "estigma das relações escravocratas"; autoritarismo (tutela em relação aos trabalhadores); modernização pelo alto; práticas populistas; entre outras. Soma-se a isso, segundo a autora, a negação das condições de acesso e, mais recentemente, de permanência na escola à maioria da classe trabalhadora.

É claro que a história de luta desses jovens e adultos trabalhadores pela reforma agrária vem buscando romper essas "marcas de longa duração". Todavia, apesar de ser um processo que se intensificou a partir dos anos de 1980, as mudanças na forma de pensar, conhecer a si mesmo e ler o mundo dentro de uma perspectiva diferente daquelas deixadas pelas marcas de exclusão e da dominação não se realizam de modo automático.

Nessa direção que podemos situar as trajetórias dos educandos, destacando as dificuldades vivenciadas no acesso e na permanência escolar, a falta de compreensão das famílias sobre a importância da educação formal, as dificuldades de aprendizagem, das relações professor/aluno, entre outras.

Enfim, são vivências que sustentam trajetórias escolares marcadas pela violência, pela exclusão social e pelas dificuldades dos educandos da EJA em alterar as representações e os significados deixados pelas marcas de exclusão.

Nesse processo, é imprescindível a superação de velhas representações que associam as frustrações em suas trajetórias escolares às características individuais, de maneira que não reproduzam uma tendência que é muito comum entre os jovens e adultos trabalhadores: culpam a si mesmos pelo fracasso na escola e acreditam que, por isso, é natural que ocupem na sociedade patamares mais precários de existência.

Entretanto, também são essas marcas que, na atualidade, colaboram para uma valorização da experiência de educação de jovens e adultos. Eles trazem consigo um acúmulo de formação e de aprendizagens, construídas ao longo de suas vivências e experiências nos movimentos, mas dão valor as novas informações, a composição do alunado, os enfrentamentos vivenciados por eles coletivamente, assim como a materialidade da sala de aula.

Esses fatores têm se mostrado como espaços e processos importantes na sustentação do direito desses sujeitos de inserção e presença nos processos de alfabetização e escolarização construídos cotidianamente no espaço da sala de aula.

Todavia, os educandos vivenciam dificuldades e limitações de várias ordens: as exigências próprias do mundo do trabalho, as distâncias de suas moradias, as dificuldades de locomoção, oriundas da idade avançada, da falta de meios de transportes

e/ou da precariedade de condições das estradas, os compromissos domésticos e familiares, a falta de incentivo.

Esses exemplos de desafios enfrentados pelos educandos na dinâmica social e política de suas vidas, explicitam as tensões e fronteiras da educação da EJA, apresentando desafios de várias ordens para a formação de educadores desse segmento de ensino.

3. Metodologia

Essa pesquisa caracteriza-se como uma investigação qualitativa, pois, através da aplicação de questionários e entrevistas aos alunos da escola escolhida, tenho como pretensão apresentar um estudo de caso.

3.1 – Natureza da Pesquisa e Coleta dos Dados

As atuais mudanças no campo educacional exigem novas formas de pensar e produzir conhecimento. Com isso, surge a necessidade de pesquisas que possam responder à estas demandas. Nesta perspectiva, a pesquisa social aparece com um importante papel na produção deste conhecimento.

Minayo (2010) destaca que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

A investigação das relações sociais é o campo de atuação da pesquisa social. Minayo (2010) também pontua que: o objeto de estudo das ciências sociais é histórico. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras. Por isso, na abordagem qualitativa, os sujeitos participantes influenciam na construção do conhecimento e no método de pesquisa do estudo de caso por possuir relevância significativa no meio acadêmico.

Segundo André (2005), o estudo de caso surge, na sociologia e na antropologia, ao final do século XIX e início do século XX. O principal propósito, nestas áreas, era realçar características e atributos da vida social.

Na Educação, o estudo de caso aparece nas décadas 60 e 70 apenas como estudo descritivo de uma unidade: uma escola, um professor, uma sala de aula. O marco principal deste tipo de pesquisa, na área educacional, foi a Conferência internacional realizada em Cambridge, Inglaterra, em 1972 (Idem,2005)

Através da aplicação de questionários e entrevistas aos alunos da escola escolhida, tenho como pretensão apresentar um estudo de caso que possibilite identificar e analisar os fatores que determinaram o retorno dos alunos à escola.

Lüdke e André (1986) e Triviños (1987), enfatizam as características do estudo de caso como estudos que partem de alguns pressupostos teóricos iniciais, mas procuram manter-se constantemente atentos a novos elementos emergentes e importantes para discutir a problemática em questão.

Nessa perspectiva, não utilizarei somente a aplicação do questionário como instrumento de pesquisa, recorrendo também à entrevista para que seja possível um aprofundamento das questões. A aplicação conjunta dos dois tipos de instrumentos de coleta de dados poderá oferecer dados para comparar evidências a fim de ampliar a confiabilidade do estudo, além de oferecer diferentes olhares sobre o mesmo.

4. Aplicação dos questionários

O questionário foi aplicado na porta da escola, espaço no qual os respondentes se sentiriam mais à vontade para participar da pesquisa. Foram realizados 6 (Seis) questionários com perguntas que pudessem contextualizar os entrevistados e os motivos que os fizeram voltar a estudar.

Utilizando a metodologia qualitativa, foi possível ir além das 14 (catorze) perguntas e conhecer quais são os planos com o retorno aos estudos e quem são os entrevistados em questão.

Todos são moradores da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e tomaram a decisão de voltar a estudar, se matricularam na Escola Municipal pesquisada e atualmente estão no novo ano, último ano do Ensino Fundamental. Esses 6 (seis) entrevistados terão suas

histórias contadas para conhecermos os diferentes motivos e sonhos que norteiam esses personagens com nomes fictícios.

As perguntas buscam traçar o perfil de alguns alunos matriculados no Ensino Fundamental da Escola Municipal “Cultura e Lazer” localizada no bairro de Campo Grande, Zona Oeste do estado do Rio de Janeiro , para que possamos conhecer as expectativas, as realidades, os medos, as conquistas e tudo o que norteia esse segmento de ensino.

A primeira pergunta é sobre a idade do aluno em questão para conhecermos a média da faixa etária da turma;

A segunda e a terceira perguntas, são sobre qual é a profissão deles e se trabalham atualmente;

A quarta, quinta e sexta perguntas buscam o reconhecimento da composição familiar, perguntando com quem eles moram e se possuem filhos e netos;

A sétima, oitava e nona têm o objetivo de compreender a trajetória escolar, perguntando quando pensaram em retornar os estudos, quem os incentivaram e se foram sozinhos na hora da matrícula;

A décima, a décima primeira e a décima segunda perguntas abordam a vivência na EJA, quanto tempo retornaram, se já pensaram em evadir depois do retorno e o que mudou na vida deles depois que tomaram essa decisão;

Para finalizar a entrevista, a pergunta 13 e 14 são sobre os sonhos em relação à escola e a vida pessoal e profissional no futuro.

Os depoimentos dados pelos entrevistados ocorreram de modo bastante espontâneo, sendo que os deixei inteiramente à vontade para não responderem ao que não achassem conveniente e mesmo para encerrarem as entrevistas caso se sentissem constrangidos.

Todos autorizaram a reprodução escrita do que disseram. Assim sendo, considero ter conduzido a coleta dos dados de acordo com a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre os procedimentos éticos a serem respeitados em pesquisas que envolvam seres humano.

4.1 - Os 6 entrevistados

Entrevista número 1 : A entrevistada é do sexo feminino, chama-se Milene e tem 25 anos de idade. Trabalha em uma loja de roupas dentro de um Shopping Center. Contou que sai do trabalho às 16h e mesmo depois de passar o dia todo em pé, atendendo ao público e subindo e descendo escadas para ir ao estoque pegar e guardar as roupas, ainda possui disposição e interesse em ir para a escola.

Ela mora com os pais e dois irmãos, não possui filhos e decidiu voltar aos estudos, depois que foi pedida em casamento. Foi sozinha se matricular, pois, quis fazer uma surpresa para o noivo, que foi o principal incentivador, e para sua família.

Ao ser questionada sobre a possibilidade de evadir, ela foi sucinta e direta “nunca pensei em evadir, vou me formar!” . Disse que estranhou a escola ao retornar, é a mesma escola* em que ela estudou até o C&A (atual primeiro ano do Ensino Fundamental) e depois, evadiu devido à um problema de dependência química do pai. *“Eu quis voltar para a mesma escola, porque tenho um carinho por ela e me senti em dívida ao sair e não voltar. Confesso que eu devia ter voltado antes, mas quando a gente começa a trabalhar, tudo causa desânimo.”*

Nos seus planos, além de casar e arrumar um bom emprego, também consta fazer uma faculdade. Milene também contou que o estranhamento no retorno para a escola foi devido ao fato da sala de aula ser a mesma do Ensino Fundamental. *“As cadeiras são pequenas, o mural é infantil... Podia ter salas só para a EJA! Muita gente se sente mal quando entra na sala, algumas pessoas não cabem nas cadeiras, é constrangedor”*.

O motivo do retorno foi o pedido de casamento que Milene recebeu do noivo. A ideia de que ela teria que assinar os papéis, embora não soubesse escrever, a fez entrar em desespero, porém foi um grande incentivo para ela se matricular na escola e realizar o seu sonho de assinar os papéis na frente dele. *“Aprendi a escrever o meu nome. Era o meu sonho para orgulhar o meu futuro marido, vou escrever meu nome na frente de todo mundo”*.

*A escola funciona em três turnos (no turno da manhã e da tarde como Educação Infantil e Ensino Fundamental e no turno da noite como EJA).

Entrevista número 2:

A entrevistada é do sexo feminino, chama-se Maria e tem 63 anos de idade. Trabalha em uma casa de família como empregada doméstica, de 8h às 17h e depois, vai direto para a escola. A casa em que trabalha tem 2(dois) andares e além de fazer a faxina, ela faz comida e cuida de uma criança de 4 anos de idade. *“Meu trabalho é cansativo. Todo dia eu penso em sair, mas não posso! É muito difícil arrumar emprego com 63 anos. O que eu ganho, não compensa o cansaço, mas fazer o que? não tenho outra opção”*.

Ela possui 3 (três) filhos e 1(um) casal de netos. Mora com o seu marido Antônio e depois de uma conversa, os dois decidiram voltar a estudar juntos para que um pudesse dar apoio ao outro. Foram se matricular juntos e segundo ela, eles ficam todos os dias juntos na sala de aula: *“Eu só sento com ele, como nós só temos um caderno, cada um copia um pouco, quando eu fico cansada, ele me ajuda e vice versa também. Às vezes a gente até muda de lugar porque quando a letra é pequena, fica difícil de enxergar o quadro. Ah, o trabalho de casa a gente também faz junto. Nossos netos acham graça quando chegam lá em casa e estamos fazendo os trabalhos”*.

Disse que já pensou em evadir no começo, mas agora que já está quase terminando, ela não irá desistir. Não conteve a emoção ao ser questionada sobre o que mudou após ter retornado aos estudos: *“Aprendi muita coisa... ajudo os meus netos nos trabalhos! Leio tanto agora!”*.

Nos seus planos, além de se formar, Maria também quer fazer um técnico em Enfermagem. Disse que está “velha”, mas quer realizar esse sonho de ser enfermeira e tentar ganhar mais. *“Larguei a escola para trabalhar, ajudar a minha família e não parei de trabalhar até agora! Conheci o Antônio quando a gente trabalhava na feira, engravidei e casamos. Foi um perrengue! Não tínhamos dinheiro nem para a gente, quanto mais para mais um. Mas trabalhamos duro, mais ainda e conseguimos conquistar nossas coisinhas. Meus filhos estão criados e graças a Deus, todos tiveram a oportunidade de estudar. Agora que eu sei ler, escrever e até fazer conta, quero conseguir ser enfermeira e ganhar mais. Minha casinha é no tijolo, queria muito pintar de amarelo. Por isso, que estudo... estou aprendendo um monte de coisa e ainda posso ser alguma coisa na vida. Tem coisa melhor?”*.

Entrevista número 3 :

O terceiro entrevistado é do sexo Masculino, chama-se Antônio, tem 66 anos e é casado com Maria (Nossa segunda entrevistada). Trabalha de 7:30 às 17:00 como auxiliar de serviços gerais em uma escola do bairro em que reside.

Ele varre, lava, limpa as sala, os banheiros, o pátio e ainda faz o papel do porteiro, quando o mesmo falta o trabalho. *“Fico muito cansado. Já passei da idade e você precisa ver como fica o pátio depois do lanche. É uma sujeira só! Mas trabalho nisso há tanto tempo que não me vejo em outra profissão.”*

Possui 3 (três) filhos e um casal de netos. Em sua casa, só mora ele e sua esposa e foi conversando com ela que os dois tomaram a decisão de voltar a estudar. *“Conversando com minha esposa, vimos que perdemos tanto tempo e agora, com os filhos criados, podíamos pensar mais em nós dois. Aí, viemos fazer a matrícula na época... A gente já se forma esse ano. Mas vamos até o fim!”*

Antônio falou que às vezes está desanimado de ir para a escola, mas que logo se anima quando a esposa chega do trabalho. *“Ela está muito feliz com as coisas que estamos aprendendo. Até filme legendado a gente quer ver agora! Vamos ao mercado e fazemos as contas juntos, quando compramos presente para os nossos netos, a gente escreve o nome e ainda colocamos que amamos eles, parabéns para você... um monte de coisa que a gente escreve de olhos fechados”.*

Quando a pergunta foi se ele pensa em evadir, ele respondeu: *“Não, eu vou até o fim!”*. Ele ainda não sabe se continuará os estudos depois que se formar no Ensino Fundamental, pois não se vê em nenhuma outra profissão, mas disse: *“Eu queria ganhar mais, porque ganho bem pouco. Mas só de saber ler tudo pela rua, já mudou a minha vida. Eu passava pelas placas e tentava imaginar o que estava escrito. Uma vez meu neto me perguntou e eu inventei porque fiquei com vergonha de falar que não sabia ler. Agora, eu fico lendo tudo!”*.

Entrevista número 4:

O quarto entrevistado é do sexo Masculino, tem 41 anos e chama-se Jeferson. Trabalha de 8h às 17h em um condomínio como jardineiro e aos finais de semana, trabalha como garçom. *“Sou jardineiro em um condomínio na Barra da Tijuca, saio de lá às 17h e pego o primeiro ônibus que passa porque se não, chego atrasado na aula. A professora sabe que venho na correria mas todo dia , eu conto com o engarrafamento. Nunca consigo sentar no ônibus, vou espremido, mas o importante é chegar. Um dia, a recompensa vem! Não é mesmo?”*

Ele é separado, possui 2(dois) filhos, 1 (um) já casado e o outro mora com a mãe e recebe pensão do pai. *“Meu filho está com 17 anos. Eu pago a pensão dele há 3 anos já. Por isso, preciso fazer um bico como garçom nos finais de semana, porque ainda ajudo a minha mãe. Ai,já viu né,o dinheiro não dá para nada”*

Jeferson contou que começou a pensar no retorno para a escola, quando descobriu que para tirar a carteira de motorista, tinha que saber ler e escrever. O filho caçula foi o seu maior incentivador, mas ele quis ir sozinho fazer a matrícula para fazer uma surpresa ao filho. *“ Quando eu liguei pra ele e contei. Ele chorou!Nunca imaginei que ele ficaria tão feliz porque eu voltei a estudar. Vi que ele estava orgulhoso. Não tem coisa melhor para um pai.”*

Disse que nunca pensou em evadir e que gosta muito de estudar. Ao ser questionado sobre o que mudou na sua vida após o retorno, ele respondeu: *“Aprendi já a ler e escrever e já me matriculei na autoescola pra realizar meu sonho de dirigir. Estou ansioso! Agora, é continuar trabalhando para eu conseguir um carrinho para buscar o meu filho, passear com ele, levar minha namorada para sair”.*

Além de fazer a autoescola e comprar um carro, Jeferson também contou que sonha em fazer uma faculdade de Design de Interiores. *“Já trabalho como jardineiro faz tempo, conheço muitos tipos de plantas, de grama, macetes... Gosto de jardim dentro de casa também, um jardim de inverno. Por isso, que penso em fazer essa faculdade. Todo mundo fala que eu tenho bom gosto e talento, vou acreditar neles, né? Agora que eu sei ler, escrever, faço todos os tipos de contas de matemática, conheço o nome dos países... Por que não farei uma faculdade? Vou investir sim!”*

Entrevista número 5:

O entrevistado é do sexo Masculino, chama-se Jorge e tem 33 anos de idade. Trabalha como ajudante de pedreiro e contou que sempre chega cansado na escola, mas que a vontade de aprender é maior do que o cansaço do trabalho .

Ele mora com os pais e irmãos, não possui filhos e contou que sempre pensou em voltar para a escola, mas faltava coragem: *“Eu repeti muitas vezes, não conseguia aprender a ler por nada nesse mundo. Aí desisti e fui trabalhar! Minha mãe falava que eu tinha que prestar para alguma coisa, então fui mostrar que presto para trabalhar. No mesmo ano, meu pai perdeu o emprego, aí trabalhei manhã, tarde e noite. Mas sempre pensei em voltar, até que tomei coragem e me matriculei.”*

Jorge contou que foi sozinho se matricular, mas que demorou, ele foi à escola 3 (três) vezes e foi embora: *“ Eu fui até lá, mas quando cheguei, me senti bobo e velho. Aí, fui embora! Na outra semana, tomei coragem e fui de novo mas vi o meu vizinho lá e morri de vergonha dele me ver entrando. Só na terceira vez, que respirei fundo, entrei e me matriculei.”*

Ao ser questionado sobre a possibilidade de evadir, ele relatou que depois que retornou aos estudos, ele perdeu a visão de um olho: *“Eu pensei em evadir quando perdi a visão do olho direito, se já era ruim de ler com dois olhos, imagina agora com um só. Mas estou tentando... Não vou desistir não! Pode confiar”* .

Quando o assunto foi o que mudou na vida dele após o retorno, ele respondeu: *“Mais fácil eu responder o que não mudou , né? Poxa, agora eu consigo ler placa, embalagens, escrevo na internet, leio tudo agora e ainda sou fera nas continhas. As pessoas me olham diferente, acham legal eu sair do trabalho super cansado e ainda ir buscar aprendizado. E quero dar seguimento aos estudos, sim.”*

Nos seus planos, além de desejar conseguir comprar suas coisas e comprar uma casa para a família, que mora de aluguel, ele também deseja arrumar um emprego melhor, que reconheça a sua luta para acabar os estudos.

Entrevista número 6 :

O entrevistado é do sexo Masculino, chama-se Paulo e tem 60 anos de idade. Trabalha como porteiro em um prédio em Botafogo, bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Contou que sai do trabalho às 16h e mesmo depois de passar o dia todo em pé e resolvendo um monte de problema s dos moradores,ele ainda possui disposição para ir para a escola.

Ele mora com a esposa, não possui filhos e decidiu voltar aos estudos por influência da esposa: *" Deus não me permitiu ter filhos, nunca entendi o motivo, mas ele me deu uma esposa maravilhosa. Chamo ela de linda porque ela é a mais linda do mundo, é uma baita companheira. Esteve comigo em muitas dificuldades, se não fosse por ela, eu nunca voltaria porque tomei raiva da escola, depois que uma professora debochou de mim. Ela dizia que eu tinha dificuldades e que a escola não era feita para quem não conseguia estudar. Depois disso, parei de frequentar as aulas e comecei a trabalhar, percebi que eu dava mesmo era para o trabalho e que realmente, a escola não era um lugar que eu me sentia feliz. Eu só levava bronca por tirar notas ruins."*

Ao ser questionado sobre a possibilidade de evadir, ele não respondeu. Ficou pensando, olhou para baixo, repetiu a pergunta e perguntou se podia pular essa. Depois, quando passamos para a pergunta sobre o que mudou na vida dele, após voltar a estudar, ele respondeu: *"aaaah... mudou muita coisa! Eu aprendi tudo com a vida, sabe. Aprendi matemática quando trabalhei no estoque de um mercado, aprendi português quando trabalhei como sapateiro porque eu anotava os pedidos, os consertos que eu tinha que fazer, tive que aprender até a escrever os nomes das pessoas, sabe. Aprendi também geografia, quando eu trabalhei como fiscal de ônibus em uma rodoviária.. e assim, eu fui aprendendo tudo! Mas na escola é diferente!é diferença pra caramba! Na escola, a gente se sente importante, eu gosto de colocar o uniforme e vim. Não tenho vergonha não, vergonha é roubar. Eu não! Eu tô construindo o meu conhecimento e correndo atrás do tempo perdido. Tô pensando aqui, coloca aí que não! Eu não quero sair da escola não, vou acabar os estudos e colocar o diploma na parede, igual aquelas advogados."*

Nos seus planos, além de colocar o diploma na parede, Paulo também disse que queria muito adotar uma criança. Ele se arrepende de nunca ter feito isso, contou que nunca teve condições financeiras mas agora, já com 60 anos, ele conseguiu juntar um dinheiro e quer realizar esse sonho dele e da esposa: *" Sei que daqui a pouco, vou morrer, mas quero morrer mais feliz do que já sou. Sou muito honesto, lutamos muito nessa vida. Agora, quero passar isso para alguém. Não sei se vou conseguir adotar criança, mas que seja adolescente ou até adulto, mas quero ensinar dignidade e esperança para alguém. Sou fruto de uma traição, o meu pai era casado com a minha tia (irmã da minha mãe) e traiu ela com a minha mãe, mas quando ela engravidou, ele pagou um homem para me assumir, sendo que não foi muito à frente não! Eu nasci a cara do meu pai e minha mãe acabou confessando que teve um caso com o marido da irmã dela. Ela foi expulsa de casa e sumiu no mundo, me deixando com a minha vó mas todo mundo me tratava estranho, como se eu tivesse culpa da traição. Não aguentei muito não, com 14 anos saí de casa e fui ganhar o mundo e agora, tô aqui respondendo suas perguntas porque sou um estudante com 60 anos. É engraçado mas que bom que minha história contribui para alguém e por isso, que quero adotar. Vou contribuir na vida de alguém!"*

4.1– Análise das entrevistas:

Percebi uma semelhança nos discursos quando o assunto é surpreender a família e quando se trata de superação. Todos têm histórias de vida marcadas pela exclusão social e pela luta diária para conquistar seus sonhos e veem na EJA uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

A satisfação pessoal e o orgulho de ler e escrever é nítido nas falas de cada um. Seus motivos foram, apenas, o passo inicial, mas continuar a estudar mesmo com todos os obstáculos que enfrentam fora e dentro da escola é uma escolha deles.

A primeira entrevistada relatou que o pedido de casamento foi o incentivo para o retorno à sala de aula, pois ela teria que assinar os papéis e para isso, precisava aprender a ler e escrever.

Mas mesmo depois de aprender, ela continuou os estudos e afirmou querer arrumar um emprego melhor. Citou a estrutura da sala de aula e algumas abordagens didáticas como exemplos de fatores que causam desânimo para eles e também enfatizou que ultimamente o fator que está mais complicado de se enfrentar é o transporte público, pois, Milene mora a uma distância de 20 minutos do colégio, indo de ônibus, mas o ônibus a deixa na esquina tanto da escola quanto de sua casa. Ela contou que tem medo do retorno para a casa, porque quando chega sua rua sempre está deserta.

Porém mesmo com o medo do retorno, problemas com a demora do transporte público, incômodo com a estrutura da sala de aula, insatisfação em relação à abordagem didática, ao ser questionada sobre a possibilidade de evadir, ela foi a pessoa que respondeu mais rápido e sendo bem direta, falou um sonoro “Não”.

Este mesmo “Não” também foi respondido pela segunda entrevistada, uma mulher de 63 anos que conta a história de uma pessoa que não teve oportunidade de estudar na idade correta, devido à necessidade de trabalhar, porém hoje em dia, sente a falta que os estudos fizeram em sua vida profissional. Durante a entrevista, pareceu cansada, perguntei se preferia responder outro dia, mas ela quis responder até o final e disse que o cansaço era por causa do trabalho braçal que faz na casa de família em que trabalha.

Ela e o marido Antônio (entrevistado número 3) dividem o peso da mochila, cada um carrega um pouco na ida e na volta da escola, na hora de copiar a matéria, eles também dividem, intercalando o momento de cada um copiar do quadro e mesmo tendo um caderno só para os dois, eles fazem o trabalho juntos seja na sala ou em casa, demonstrando uma cumplicidade e uma vontade de crescer juntos.

Esta união e força de vontade também estiveram presentes nas falas do Antônio durante a entrevista. Ele também contou sobre essa ajuda mútua que acontece e falou com muita admiração sobre a esposa e o fato de retornarem juntos aos estudos para um não deixar o outro desanimar.

O nosso quarto entrevistado, Jeferson, tem o sonho de comprar um carro, mas para tirar a carteira de motorista não pode ser analfabeto. Então, ele retornou aos estudos para aprendeu a ler e a escrever e já se matriculou na autoescola, porém não se limitou

somente a isso, ele quis aprender a fazer conta e adquirir mais conhecimentos e contou que sonha também em fazer faculdade.

Jorge, nosso quinto entrevistado, evadiu da escola devido às reprovações e necessidade de ajudar a família, entretanto tomou coragem e retornou aos estudos. Enfrentou a perda da visão de um olho, mas mesmo assim não desanimou e afirmou que irá até o final.

O motivo da evasão por conta de reprovações e dificuldade de aprendizagem também esteve presente no discurso do Paulo, nosso sexto entrevistado. Ele contou que uma professora o desmotivou quando o culpou pelo seu fracasso escolar, isto fez com que ele desistisse de estudar e entrasse no mercado de trabalho. Porém, com o incentivo da esposa e a vontade de expor um diploma em sua parede, Paulo retornou aos estudos.

Mesmo confuso quando o assunto é concluir os estudos, ele demonstra que a rotina de trabalho e a correria para chegar na escola, pois sai do trabalho na Zona Sul às 16h e tem que chegar na Zona Oeste às 18:30, não o desanima.

A turma não conhece os motivos de cada um estar ali até às 22h, mesmo depois de um dia cansativo de trabalho ou de um dia inteiro cuidando da casa e dos netos, mas todos estão ali em busca de sonhos e o maior deles é aprender a ler e escrever, para ser reconhecido como cidadão e conseguir perceber tudo a sua volta.

Percebemos que os jovens e adultos lutam para superar condições de vida bastante precárias como desemprego, salários baixos, problemas familiares e péssimas condições de vida, que podem comprometer o processo de alfabetização e educação. Assim, considerando que muitos alunos da EJA estão em um quadro de desfavorecimento social, o professor não pode ignorar os conhecimentos e experiências que já possuem.

O orgulho de ler as placas, escrever o seu próprio nome, o nome das pessoas e das coisas que estão a sua volta, não está presente só nas falas, mas nos olhos e nos sorrisos. A sensação de ter conseguido vencer mais uma etapa da vida e ter sido mais forte que qualquer desânimo, medo e cansaço, é uma das maiores satisfações que eles carregam.

5. Considerações Finais:

A vontade de realizar este trabalho depois de uma experiência de estágio obrigatório que realizei no começo do ano de 2014 era para conhecer um pouco mais sobre essa área da educação e o perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos(EJA).

Sempre que eu comentava com alguém sobre o meu tema da monografia, percebia que muitos associam os alunos da EJA à pessoas que não aproveitaram a oportunidade de estudar na idade correta ou à alunos que após uma série de reprovações, começa a estudar de noite com o objetivo de conseguir o diploma.

Porém, o questionamento em relação ao motivo daquele aluno ter optado pela EJA, não existia e ninguém pensava nas práticas pedagógicas envolvidas e nem nas histórias de vida marcadas pela exclusão social e pela luta diária.

Confesso que assim como estas pessoas, eu também possuía um certo preconceito em relação a esse retorno por parte deles, pois, achava que eles voltavam só para possuir um diploma e que não davam valor aos estudos. Mas a vivência do estágio me fez repensar sobre esse pré conceito e a cada dia era um aprendizado com eles e a cada história que eu ouvia, mais crescia a minha admiração, carinho e respeito por estes jovens e adultos que estão ali em busca de um sonho, de uma realização não só profissional mas acima de tudo, pessoal.

Percebi a importância dessa modalidade de educação, especialmente aqui no Brasil, em que é grande o número de pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar ou dar continuidade aos seus estudos na educação básica. É impressionante a semelhança nos discursos quando o assunto é surpreender a família e quando se trata de superação, isto nos faz refletir sobre atitudes que para nós é corriqueira, como por exemplo, escrever o nosso nome, ler uma placa, escrever um bilhete para alguém ou entender o que está escrito nos rótulos dos produtos do mercado, mas que para eles era uma conquista.

A esperança que havia nos olhares daqueles jovens e adultos que estavam ali, respondendo as minhas perguntas depois de um dia cansativo de trabalho e de estudo mas que com muito orgulho, estavam contando suas histórias de renúncias por falta de

condições financeiras da família, problemas familiares, reprovações... motivos estes que ainda existem na vida de outros jovens e adultos mas os que aqui estão, representam todos que vão de segunda à sexta-feira para a escola, de noite, cada um com suas manias, suas trajetórias, seus princípios, seus medos, mas todos com um só sonho: Concluir os estudos. Os obstáculos do cotidiano não os desanimam, o cansaço do trabalho, o ônibus lotado, a novela das 21h, a vontade de estar em casa no conforto do sofá ou fazendo qualquer outra coisa, não são motivos suficientes para fazê-los desistir de todos os dias optar por lutar por um sonho.

Outros desafios estão relacionados ao processo de planejamento e gestão do ensino, à falta de recursos didáticos, à formação continuada dos professores, à relação entre teoria e prática, à articulação e aplicação de um currículo adequado, à insegurança demonstrada por grande parte dos alunos quando retornam à escola, às dificuldades na compreensão e domínio da leitura e escrita, no saber matemático, em questões relativas à natureza e sociedade e na pertinência das avaliações aplicadas.

De acordo com Barreto (2006), os discentes da EJA quase sempre pertencem a uma mesma classe social, com baixo poder aquisitivo, usufruem apenas do básico para sobreviver, sendo que a maior fonte de informação e lazer que possuem é a televisão. Esses alunos fazem parte de um quadro de desfavorecimento social e a procura pela escola está ligada às decisões que envolvem suas perspectivas pessoais, motivação, com expectativa de conseguir um emprego melhor, aumentar a autoestima, satisfazer suas necessidades particulares e, assim, integrar a sociedade letrada da qual tem o direito, mas que muitos não fazem parte.

O objetivo do planejamento deve visar uma aprendizagem efetiva e significativa, trabalhando a favor da permanência do aluno no sistema educacional com uma avaliação crítica sobre a atuação do professor. O professor deve atuar como um agente de transformação, incentivando seus alunos na busca constante de conhecimento e que este não fique apenas na teoria, mas tenha relação em suas práticas diárias.

Segundo Jatobá (1999), o professor deve ter sempre em mente de que o seu papel é o de agente de transformação social e como tal pode, pela educação, combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que

afasta e estigmatiza grupos sociais. Cabe ao professor construir relações de confiança para que o aluno possa perceber-se e viver, antes de mais nada, como ser social.

Por isso, a compreensão sobre os sujeitos que participam da EJA é um elemento essencial para refletir sobre ela e para ela. Dentro dessa temática, destacar o papel do docente é fundamental, já que ele contribui de forma decisiva para a formação dos alunos e para um ensino de qualidade. O planejamento pedagógico para a EJA, seja de um professor, um coordenador, orientador, supervisor ou diretor precisa levar em conta as exigências do contexto social no qual estão inseridos, suas necessidades e características. A troca de experiências com os outros colegas de sala e do aluno com o professor é de suma importância para conhecer o alunado e para repensar a abordagem de algumas práticas pedagógicas.

A condição da maioria serem trabalhadores, com experiência profissional que geralmente começou muito cedo, por fatores relacionados à dificuldade financeira da família, assumindo responsabilidades como cuidar da casa ou dos irmãos mais novos, distanciando-os da escola e contribuindo para a evasão escolar, são características dos alunos da EJA que devem ser levadas em conta.

Porque eles, ao retornarem para a escola, provavelmente se sentem inseguros, ficam nervosos diante de novas situações e têm vergonha de fazer e responder perguntas ao professor. Frente a essas características que os discentes apresentam, o professor tem um papel relevante na vida escolar deles.

O professor da EJA deve ter um olhar diferente, de compreensão e valorização das experiências profissionais e o contexto cultural do aluno, abordando temas condizentes com a sua realidade, evitando assim o desinteresse que acaba levando ao fracasso escolar.

Estas práticas precisam ressaltar o sucesso, fortalecer a auto estima e ajudar no resgate da sua identidade como estudante, pois, cabe a escola se preocupar com o acesso de todos, promovendo-os como cidadãos participantes da sociedade e assim, buscando o reconhecimento de diferentes saberes e a valorização da diversidade cultural, para fortalecer assim, o diálogo entre saberes e o exercício da cidadania.

A avaliação também deve ser pensada nesta perspectiva para que a educação dessa camada da população não represente mais uma instância de fracasso escolar e se sinta incluído naquele ambiente. Outra particularidade do aluno está relacionada à baixa autoestima, marcada, muitas vezes, pelo seu insucesso escolar e exclusão da sociedade, ocasionando insegurança ao enfrentar novos desafios e aprendizagens.

Dessa forma, assim como Piaget fundamenta que o papel do educador é insubstituível na construção do conhecimento, defendendo também a importância da interação professor/aluno como desencadeadora dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Devemos pensar que eles possuem histórias marcadas por frustrações, reprovações, evasões, negações e classificações, entretanto, estão lutando contra a estatística para realizar o sonho de concluir os estudos e a avaliação pode ser uma aliada ou uma grande vilã, pois assumindo uma função classificatória só aumentará a estatística de evasão.

A solução não pode ser entendida como uma proposta de não avaliação ou de "aprovação automática", mas sim, com uma proposta de repensar algumas abordagens didáticas e propiciar uma avaliação com o foco neles e feita para eles, sem infantilizar e nem desmerecer todo o conhecimento que eles já trazem consigo.

A aprendizagem tem que ser analisada num processo amplo, na observação do professor em entender suas falas, argumentos, perguntas, debates, nos desafios em busca de alternativas e nas conquistas de autonomia.

Afinal, o desenvolvimento do ser humano depende de muitas coisas além de memorizar, tirar notas altas e passividade, depende da aprendizagem, da participação, dos questionamentos, da compreensão e do interesse. E deve acontecer em uma relação de troca, discussões, possibilidades e estímulo, ocorrendo assim um entendimento progressivo entre professor/aluno para que possa ser possível a melhoria das condições de aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

BARRETO, V. (Coord). Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunas e alunos da EJA. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Parecer n. 11 de maio de 2000. BRASIL. Resolução CNE/CEB, N. 1 de julho de 2000.

BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf

CANEN, A. Desmitificando a avaliação. In: Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, v. 10, p. 97-105, 1999.

EDUCAÇÃO, MINISTÉRIO DA. Salto para o futuro: Educação de Jovens e Adultos. Série de estudos. Brasil em ação. Governo Federal. Brasília, 1999.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. 6. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1991.

JATOBÁ, A. L. P. et al. Escola Pública: espaço de compromisso ético. In: Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, v. 10, p. 89-96, 1999.

LEMO, M. E. P. de. Proposta curricular. In: Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, v. 10, p. 19-27, 1999.

LUDKE, M. ; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Editora EPU, 1986.

MINAYO, M. C. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Editora Vozes, 2010.

RUMMERT, S. M. Historiografia da Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores e a naturalização do caráter dual da Educação Brasileira. MENDONÇA, S. R. (Org.). In: *Estado e História no Brasil*. Niterói: EDUFF, 2006.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n.34, p.152-180, jan./abr., 2007.

TRIVIÑOS, A. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. Editora Atlas, 1987.

Ventura, P. Jaqueline . As relações entre trabalho e educação de jovens e adultos: Elementos para a reflexão sobre a perspectiva conformadora e o potencial emancipador. UFF - CAPES